

Sumário

Parte V (*Identidade*)

Imagens do desejo do instante plenificado (moral, música, imagens da morte, religião, natureza-oriente e bem supremo)

43. Falta de clareza sobre si mesmo	9
44. Casa e escola mostram o rumo	10
45. Modelos para assemelhar-se ao humano.....	12
46. Paradigmas da vida perigosa e da vida feliz	16
<i>Tanta coisa em aberto</i>	16
<i>Com muita roupa</i>	16
<i>Caçada selvagem, intrépida</i>	17
<i>A felicidade à maneira francesa e a alegria</i>	18
<i>A aventura da felicidade</i>	20
47. Paradigmas dos tempos da vontade e da contemplação, da solidão e da amizade, do indivíduo e da comunidade	21
<i>Uma pessoa decente</i>	21
<i>Fábio ou o homem de ação irresoluto</i>	22
<i>Sorel, Maquiavel ou a capacidade de agir e a roda da fortuna</i>	23
<i>Problema de rompimento, Hércules na encruzilhada, Dioniso-Apolo</i>	29
<i>Vita activa, vita contemplativa ou o mundo da parte boa escolhida</i>	34
<i>Luz baixa e luz alta: solidão e amizade</i>	39
<i>Luz baixa e luz alta: indivíduo e coletivo</i>	47
<i>Salvação do indivíduo pela afinidade</i>	52
48. O jovem Goethe, não-renúncia, Ariel	55
<i>O desejo de quebrar tudo</i>	55

	<i>Felicidade e sofrimento wertherianos</i>	56
	<i>A reivindicação, Prometeu, proto-Tasso</i>	57
	<i>A intenção da sublimidade, o goticismo de Fausto e a metamorfose</i>	62
	<i>Ariel e a fantasia poética</i>	68
	<i>O demoníaco e o retraimento de expressão simbólico-alegórica</i>	72
	<i>Só quem conhece a saudade: Mignon</i>	76
	<i>Desejos como pressentimentos de nossas capacidades</i>	80
49.	Figuras-modelo da transgressão de limites; Fausto e a aposta no instante plenificado	83
	<i>Sem palha molhada</i>	83
	<i>Tocar o alaúde e esvaziar os copos</i>	84
	<i>Dom Giovanni, todas as mulheres e o casamento</i>	87
	<i>Fausto, macrocosmo, “Demora eternamente! És tão lindo!”</i>	94
	<i>Fausto, a Fenomenologia de Hegel e o evento</i>	99
	<i>Ulisses não morreu em Ítaca; velejou para o mundo desabitado</i>	106
	<i>Hamlet, vontade trancafiada; Próspero, alegria sem fundamento</i>	110
50.	Paradigmas da transgressão abstrata e mediada de limites, apontada em Dom Quixote e Fausto	116
	<i>A vontade em fermentação</i>	117
	<i>A triste figura e a ilusão dourada de Dom Quixote</i>	118
	<i>Similares: falta de razão e razão de Tasso contra Antônio</i>	134
	<i>O lucífero-prometéico e a camada sonora</i>	136
51.	Transgressão e o mais intenso dos mundos humanos na música	140
	<i>A felicidade dos cegos</i>	141
	<i>A ninfa Sirinx</i>	141
	<i>Herói bizarro e ninfa: a Symphonie fantastique</i>	143
	<i>A expressão humana como inseparável da música</i>	145
	<i>A música como cânon e mundo regido por leis; a harmonia das esferas, estrelas-guia mais humanas</i>	154
	<i>Pintura sonora, uma vez mais obra da natureza, a intensidade e a moralidade chamada música</i>	164
	<i>O espaço vazio; o tema da sonata e da fuga</i>	173
	<i>Marcha fúnebre, réquiem, cortejo para além da morte</i>	180
	<i>A Marselhesa e o instante em Fidélio</i>	185
52.	O si-mesmo e a lâmpada funerária ou as imagens da esperança contra o poder da mais forte não-utopia: a morte	186
	I – Introdução	188
	<i>Não falar em morrer</i>	188
	<i>Utopias da noite que não terá mais manhã neste mundo</i>	188
	II – Contrapontos religiosos a partir da morte e da vitória	193
	<i>Sobre o morto só coisas boas</i>	193
	<i>As sombras e o crepúsculo grego</i>	194

<i>O assentimento do retorno; a roda órfica</i>	196
<i>Os elixires da alma e a jornada gnóstica ao céu</i>	199
<i>O céu egípcio no túmulo</i>	204
<i>Ressurreição e apocalipse bíblicos</i>	208
<i>O céu maometano, a força da carne, o jardim encantado</i>	216
<i>O repouso puro busca libertar-se até do céu; a imagem do desejo chamada nirvana</i>	219
III – Eutanásias esclarecidas e eutanásias românticas	224
<i>O livre-pensador como espírito forte</i>	224
<i>O jovem com a tocha invertida e com a tocha reacendida</i>	225
<i>A dissolução no universo, o retorno letal para a natureza</i>	230
<i>A geleira, a mãe terra e o espírito universal</i>	235
IV – Outras reações secularizadas, o niilismo, a casa da humanidade .	239
<i>Continuando a colorir o nada</i>	239
<i>Quatro sinais de uma fé emprestada</i>	240
<i>A imortalidade metafórica: na obra</i>	244
<i>A morte como cinzel na tragédia</i>	249
<i>O desaparecimento do nada letal na consciência socialista</i>	254
V – Prazer de viver e fragmento em todas as coisas	259
<i>Viagens exploratórias para dentro da morte</i>	259
<i>O instante como não-ser-aí; exterritorialidade em relação à morte</i>	260
53. Empenho humano crescente no mistério religioso, no mito astral, êxodo, reino; o ateísmo e a utopia do reino	265
I - Introdução	266
<i>Em boas mãos</i>	266
<i>Uma vez mais a errância, a senda ocultista</i>	267
<i>Cacique e feiticeiro; toda religião tem fundadores</i>	271
<i>O aspecto numinoso, inclusive no humanum religioso</i>	276
II – Fundadores, boas-novas e <i>cur Deus homo?</i>	286
<i>O mestre estrangeiro: Cadmo</i>	286
<i>O cantor da salvação extática: Orfeu</i>	287
<i>Os poetas dos deuses apolíneos e seus apoiadores: Homero e Hesíodo; os deuses estatais romanos</i>	288
<i>A fé não-florescida em Prometeu e a liturgia trágica: Ésquilo</i>	295
<i>O homem-peixe e o escriba lunar do mito astral: Oanes, Hermes Trismegisto-Thot</i>	299
<i>A boa-nova do equilíbrio celeste-terreno e do ritmo cósmico inconspícuo (Tau): Confúcio, Lao Tse</i>	304
<i>Quando o próprio fundador já faz parte da boa-nova: Moisés e seu Deus do êxodo</i>	313
<i>Moisés ou a consciência da utopia na religião, da religião na utopia</i>	318

	<i>O auto-engajamento beligerante, mesclado com luz astral: Zoroastro, Mani</i>	325
	<i>O auto-engajamento redentor, limitado ao acosmo, relativo ao nirvana: Buda</i>	333
	<i>Um fundador no espírito de Moisés, totalmente coincidente com a sua boa-nova: Jesus, apocalipse, reino</i>	339
	<i>Jesus e o pai; a serpente do paraíso como salvador; os três mistérios do desejo: ressurreição, ascensão, retorno</i>	349
	<i>Fanatismo e submissão à vontade de Alá: Maomé</i>	358
	III – O cerne da terra como exterritorialidade real	362
	<i>A estrada do para-quê inexistente</i>	362
	<i>O destino inevitável e o destino evitável: Cassandra e Isaías</i>	364
	<i>Deus como ideal utopicamente hipostasiado do ser humano desconhecido; Feuerbach, cur Deus homo? mais uma vez</i>	367
	<i>O recurso ao ateísmo; o problema do espaço, para dentro do qual o Deus foi imaginado e tornado utopia</i>	374
	<i>“Demora eternamente!” no estrato religioso: a unidade do instante no misticismo</i>	383
	<i>O milagre e o maravilhoso; o instante como ponto de apoio da Nike</i>	388
54.	<i>O conteúdo último do desejo e o bem supremo</i>	396
	<i>Pulsão e alimento</i>	396
	<i>Três desejos e o melhor deles</i>	397
	<i>As imagens de valores como variações do bem supremo; Cícero e os filósofos</i>	400
	<i>“Demora eternamente!” e bem supremo, o problema de um modelo no processo mundial</i>	406
	<i>Uma vez mais pulsão e alimento ou subjetividade, objetividade dos bens, dos valores e do bem supremo</i>	409
	<i>Pendência e rigor em relação ao bem supremo (o vento noturno, a estátua de Buda, a figura do reino)</i>	419
	<i>Número e cifras das qualidades; o sentido natural do bem supremo</i>	433
55.	<i>Karl Marx e o espírito humanitário; substância da esperança</i>	440
	<i>O artífice idôneo</i>	440
	<i>“Reverter todas as condições em que o ser humano é um ser humilhado, escravizado, abandonado, desprezível”</i>	441
	<i>A secularização e a força para colocar algo sobre os próprios pés</i>	445
	<i>Sonho para diante, lucidez, entusiasmo e a unidade destes</i>	451
	<i>A certeza, o mundo inacabado, a pátria</i>	456